

## Antônio Carlos: Quem não quer pleito tem medo

SALVADOR — O Ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, afirmou ontem em Salvador que "quem está com medo de eleições gerais não confia no voto do povo e não está bem com a população". Segundo ele, a tese de convocação de eleições para o próximo ano, em todos os níveis, cresce cada vez mais.

— Vai ser uma oportunidade para o eleitorado confirmar ou negar apoio a muitos que fizeram, mas não cumpriram, promessas de trabalhar em defesa do povo. As eleições gerais no próximo ano possibilitariam, inclusive, a realização de um plebiscito sobre a forma de governo.

Antônio Carlos acredita que a proposta de parlamentarismo, aprovada na Comissão de Sistematização, "não vai vingar porque já nasceu morta", na medida em que foi fruto de uma posição ocasional, salvo por parte de alguns tradicionais parlamentaristas.

Quanto à questão do mandato presidencial, admitiu que o assunto voltará a ser amplamente discutido na Constituinte, pois tem sentido em muitos o desejo de votar pelos cinco anos para o Presidente Sarney.

O Ministro das Comunicações também criticou as constantes reuniões entre Governadores do PMDB, mesmo considerando natural que eles se reúnam, argumentando que as populações dos Estados ficariam mais satisfeitas se os Governadores estivessem trabalhando pelos Estados que os elegeram.

— O País vive pedindo trabalho e eficiência dos governantes. Mas alguns Governadores, como é o caso de Waldir Pires, da Bahia, passam a maior parte do tempo fora do Estado, abandonando a administração.

## Jutahy defende candidatura que unifique PMDB

SALVADOR — A busca de uma linha de compromissos e objetivos com a Nação é mais importante neste momento que a definição de um nome para suceder ao Presidente Sarney. A recomendação é do Senador Jutahy Magalhães (PMDB-BA), que aconselha seu partido a "costurar com calma, buscando uma candidatura de unidade e que possa mais congregar em torno de ideais e compromissos" as diversas facções e linhas de pensamento que se abrigam na legenda.

Jutahy vê no momento um quadro político "muito confuso", e a discussão em torno dos grandes problemas nacionais "repleta de falácias".

— Estão abusando da boa-fé do povo brasileiro quando argumentam que a Constituinte não tem o poder e o direito de modificar o sistema de governo. Agora, tentam também um golpe pregando eleições gerais tão logo esteja pronta a nova Carta Constitucional. Há de se respeitar a vontade do povo expressa nas urnas em novembro de 86 — comentou.

Segundo o Senador baiano, "querem dar o golpe das eleições gerais", em primeiro lugar, os derrotados nas eleições passadas: "Eles querem uma eleição de segunda época, já que foram reprovados na primeira, aproveitando-se da crise que é resultado do estado de calamidade em que eles próprios, os fracassados, deixaram o País depois de anos de desgoverno".

Querem eleições gerais também, na visão do Senador, os pequenos partidos "que querem crescer" e "alguns companheiros que gostam de jogar para a arquibancada". A idéia, diz Jutahy, não vingar.

## PMDB gaúcho apóia eleições no ano que vem

PORTO ALEGRE — Os 600 delegados ao I Congresso Estadual do PMDB do Rio Grande do Sul, recomendaram ontem, nas resoluções finais, que a bancada gaúcha do partido na Constituinte vote favoravelmente ao parlamentarismo, ao mandato de quatro anos e à jornada de trabalho de 40 horas semanais.

No encerramento do Congresso, realizado na Assembleia Legislativa, o Governador Pedro Simon defendeu o controle dos peemedebistas sobre seus representantes:

— Nossas bases têm o direito de exigir, cobrar e fiscalizar e até mesmo de afastar os integrantes que não cumprirem a doutrina partidária.

O PMDB gaúcho resolveu também combater as eleições gerais em 1988, argumentando que o partido é contrário à prorrogação ou redução de qualquer mandato conquistado através do voto popular.

No campo econômico-social, as bases recomendaram a aprovação do conceito de empresa nacional proposto pelo Senador Severo Gomes (PMDB-SP); a manutenção da moratória unilateral, vedando a conversão da dívida externa em capital de risco; o monopólio da União para a distribuição dos derivados de petróleo; a reserva de mercado para a informática e a estatização do sistema financeiro nacional.

# Montoro em Roma: 'Sou o único parlamentarista'

MÔNICA FALCONE  
Correspondente

ROMA — O ex-Governador de São Paulo Franco Montoro lançou ontem em Roma a sua candidatura à Presidência da República, defendendo o sistema parlamentarista. Ao contrário dos demais candidatos declarados ou não à Presidência, naturais defensores do presidencialismo, Montoro acredita que o poder de decisão na mão do Parlamento seria uma solução para os problemas do País, como explicou em entrevista coletiva, na casa de um velho amigo e companheiro político:

— Sou o único candidato à Presidência que defende o parlamentarismo. O presidencialismo é um Governo de pessoas, o parlamentarismo é um Governo de programas. O Brasil está precisando de programas que sejam debatidos e tenham o consenso da Nação. Os projetos faraônicos que têm prejudicado gravemente o nosso desenvolvimento, como a atual Ferrovia Norte-Sul, as antigas Transamazônicas, Ferrovias do Aço e programas nucleares gigantescos só são possíveis nos regimes presidencialistas, quando poucas pessoas decidem tudo.

Como exemplos de decisões importantes tomadas durante a vigência do parlamentarismo no Brasil, Franco Montoro citou a criação dos sindicatos rurais e a efetivação do pagamento do salário-família. Estes dois direitos, previstos pela Constituição de 1946, em 1962, 16 anos depois, nunca tinham sido aplicados. O Brasil já tinha até recebido um prêmio internacional porque na sua Constituição eram previstas estas conquistas dos trabalhadores. Mas, de fato, não existiam na realidade.

Franco Montoro está em Roma, em uma turnê européia que o levou também a Paris, Genebra e Lausanne, para fazer conferências sobre a questão da dívida externa dos países latino-americanos. Ele vai falar na terça-feira para um público de políticos, intelectuais e estudantes, na Universidade de Roma. No domingo, dia 29, Franco Montoro vai tratar do mesmo tema em uma palestra em Milão, ao lado de ex-Chanceler alemão Willy Brandt, que exporá o ponto-de-vista da social-democracia européia sobre o problema. Explica Montoro:

— Vou tratar do assunto dívida externa principalmente do ponto-de-vista jurídico, que é pouco conhecido. Os contratos da dívida têm cláusulas que contrariam as regras mínimas do Direito Internacional, por favorecerem sempre, e em qualquer circunstância, o credor.



Montoro: Governo de programas

## Ulysses: 'Também escolheria Roma'

BRASÍLIA — "Roma? Roma é um bom lugar, se eu fosse escolher, também escolheria Roma ou Paris". Esta foi a reação do Presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, informado, ao chegar a Brasília, que o ex-Governador de São Paulo, Franco Montoro, havia anunciado, em Roma, sua candidatura à Presidência. Depois, Ulysses elogiou Montoro como um dos nomes mais dignos do partido, mas fez questão de afirmar que o lançamento de qualquer candidatura agora "é precoce e prematuro".

— É impossível fazer campanha agora. O que nós, os políticos e os partidos, devemos fazer agora é concentrar todas as energias para votar a nova Constituição — disse o Presidente do PMDB, acrescentando que o momento não é ainda propício para que sejam deflagradas as campanhas presidenciais porque não se sabe ainda qual será o sistema de governo, qual a data das eleições e nem mesmo as condições para as convenções partidárias que escolherão os candidatos.

Sobre a sua própria candidatura, Ulysses foi evasivo, evitando responder diretamente e assegurando que, no momento, está inteiramente dedicado a presidir a Assembleia Nacional Constituinte, que considera "um trabalho histórico".

— Escolher um presidente é importante, mas muito mais importante é uma Constituição — reiterou o Presidente da Constituinte.

# Ulysses volta a Brasília e promete 'apartar a briga'

Telefoto de Antônio Moura



Ulysses acena ao deixar sua casa em São Paulo

BRASÍLIA — Confiante em sua "vocalização de apartador de brigas", o Presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, fará um apelo aos integrantes do chamado "Centrão" e aos parlamentares "progressistas" para que usem de bom senso ao mudarem o Regimento Interno. Ulysses fez a declaração ao chegar a Brasília, às 19h de ontem, depois de uma semana de afastamento para tratar do coração.

— Não é possível que um Regimento atrapalhe a Constituinte. É preciso haver entendimento, e não o desejo de uma parte de massacrar a outra — aconselhou. Em São Paulo, ao embarcar, foi mais enfático: "Acho estupidéz e cretinice haver confronto em torno do Regimento, que é um meio e não um fim". E ao defender o aperfeiçoamento do projeto, usou uma frase de efeito: "Plenário não é carimbo nem homologatório".

Ulysses foi recebido em Brasília por cerca de 20 pessoas, entre parlamentares e funcionários da Câmara. A descontração ficou por conta do Senador Mário Covas, que ao vê-lo descer a escada do jatinho gritou: "Ai Ulysses". Houve uma salva de palmas. Ao cumprimentá-lo, o Presidente da Constituinte riu muito quando Covas — que recentemente colocou três pontes safena no coração — perguntou-lhe se já havia sido

convidado a participar do programa de TV "Safenados e Safadinhos". Ao Deputado Aluizio Campos (PMDB-PB), que também sofre de obstrução numa artéria do coração, prometeu dar todas as explicações sobre o tratamento a que se submeteu.

Em São Paulo, Ulysses Guimarães manifestou a esperança de concluir o mais breve possível os trabalhos da Constituinte: "Será, talvez, o dia mais feliz da minha vida. Para isso, vou fazer tantas sessões quantas forem necessárias: sábado, domingo, de manhã, de tarde e de noite".

Disse também que o momento certo para o lançamento de uma candidatura do PMDB à Presidência da República será depois de promulgada a Carta. E emendou:

— Se o PMDB precisar de mim, estou pronto.

# Arraes adverte que ainda não é o momento para campanha

BELO HORIZONTE — Buscar a unidade do País, o entendimento amplo entre as diversas forças políticas do PMDB ou, pelo menos, a unidade de linguagem no partido, no que se refere aos caminhos para a solução da crise brasileira, com vistas às eleições de 1988. Em síntese, este foi o objetivo dos encontros de governadores do PMDB no fim de semana, segundo resumo feito pelo Governador de Pernambuco, Miguel Arraes, em encontro com o Governador de Minas Gerais, Newton Cardoso, ontem à tarde.

— A campanha não é agora, é depois. Nós temos que colocar as coisas no momento devido — disse Arraes.

Depois de conversar, sábado, no Rio, com os Governadores Moreira Franco e Waldir Pires, e com o Senador José Richa (PMDB-PR), Miguel Arraes esteve, ontem, com Newton Cardoso, com quem almoçou na Fazenda Rio Rancho, em Pitangui, no Oeste de Minas. Os dois conversaram duas horas, na varanda da casa, e mais meia hora após o almoço, à beira da piscina.

No encontro, segundo Arraes, não se falou de candidaturas ou da campanha para a sucessão do Presidente José Sarney. O que o momento exige, entende Arraes, é a união nacional. Para ele, o ponto de união já existe.

— É a insatisfação generalizada. Mas deste ponto de união aparentemente negativo, nós temos que fazer uma coisa positiva. Entendemos que isso vai unir os brasileiros e a Nação agora vai se consolidar. Este é um grande País e esta é a maior cri-



Newton e Arraes encontraram um ponto comum: não pertencem às elites

se que ele já viveu, mas temos uma grande esperança de que o povo vai se levantar e ter uma grande vez — argumentou.

Para ele, a questão do rompimento do PMDB com o Presidente Sarney, torna-se uma preocupação menor:

— Não tem sentido romper com Sarney. O que nós queremos são as condições para atender às necessidades do povo — arrematou, reiterando que no Nordeste, hoje, existem de 700 a 800 mil homens que precisam ser absorvidos em frentes de trabalho e não há condições de atendê-los.

Para Arraes, o PMDB deve estar com o Brasil e com o Presidente Sarney, na medida em que ele, Presidente, estiver com o povo. Perguntado se, a seu ver, o Presidente está

com o povo, Arraes foi seco: "Eu acho que não".

Já o Governador Newton Cardoso evitou comentar o assunto. Para ele, os Governadores têm um compromisso muito sério com o País e vão articular, através de Miguel Arraes, no Norte, e de outros, no Sul, a unidade do PMDB.

Durante a conversa, os dois Governadores encontraram mais um ponto em comum, segundo: ele e Newton Cardoso não fazem parte das elites políticas do País.

— O Newton Cardoso é uma força da natureza, como pessoa. E como força política, quebrou os punhos de renda da elite mineira. Eu também não tenho punhos de renda, como ele — afirmou Arraes.

# Moreira anuncia apoio dos Governadores ao plebiscito

Evitar a divisão do PMDB, elaborando um programa mínimo de governo que contribua para delinear o perfil do candidato à Presidência, realizar um plebiscito sobre o sistema de governo — que não coincida com a eleição presidencial — e preservar o poder constituinte são os principais pontos acordados no encontro que reuniu sábado, durante 12 horas, os Governadores Moreira Franco (RJ), Waldir Pires (BA), Miguel Arraes (PE) e o Senador José Richa (PR).

Mas, segundo alguns assessores dos Governadores, o programa mínimo é, na realidade, uma tentativa de elevar a sucessão presidencial, no PMDB, a um nível mais ideológico, que iniba as ambições pessoais. Ao mesmo tempo, os participantes da reunião buscam frear o lançamento prematuro de candidaturas, que pode esfalar o partido.

Moreira Franco, por exemplo, quer que o PMDB repita a estratégia que usou na campanha para o Governo do Estado: o perdedor se compromete a apoiar o vencedor. Ele diz que a procura de outras legendas para disputar a eleição é uma "estratégia suicida". Ontem, o Governador do Rio deu conta das negociações:

— A sucessão está colocada. Conversei com o próprio Presidente José Sarney por telefone e ele disse que a eleição presidencial no ano que vem é irreversível. Garantiu que não vai criar dificuldades, ou mobilizar forças contrárias. O Presidente explicou que o povo quer eleições diretas e que os parlamentares não ficarão contra a vontade popular. Agora, cabe ao PMDB discutir os caminhos a serem percorridos no processo su-

cessório. É uma questão delicada.

O Governador disse que o principal esforço da reunião foi estabelecer premissas para a campanha sucessória e definir bem o que são questões a serem resolvidas no dia-a-dia e o que se pretende permanente. A Constituinte, segundo Moreira Franco, é uma dessas questões permanentes, que não pode sofrer as pressões do dia-a-dia.

— Já a sucessão é uma questão do dia-a-dia. O PMDB está iniciando discussões internas sobre os caminhos a serem percorridos. Vários companheiros são candidatos a candidato e queremos que o resultado final passe necessariamente pela unidade do partido. É um processo que não pode provocar fissuras.

Moreira Franco frisou a importância de fixar os compromissos para o próximo Governo: "Se discutirmos apenas nomes, vamos desagregar o PMDB. Uma luta antropofágica, uma disputa fisiológica por candidaturas é perigosa, por isso um programa geral de Governo é imprescindível".

— Esse programa é para ser compreendido por toda a população. Temos que tomar posição sobre a dívida externa, resolver o problema da fome e criar empregos.

Quanto ao sistema de Governo, Moreira Franco disse que, na reunião, ficou acertado o apoio à realização de um plebiscito, caso o parlamentarismo seja adotado. Ele e Miguel Arraes são presidencialistas, enquanto Waldir Pires e José Richa são parlamentaristas.

— Assim estaremos respeitando a soberania da Constituinte e ouvindo a vontade popular.